

APRENDIZADO DE LÍNGUAS

Quando os grandes projetos de vida já vão se exaurindo e o acúmulo de anos rebaixa-nos o vigor físico, de forma a não podermos implementar outros mais, restam-nos, no “dolce far niente” da aposentadoria, entre outras atividades, assistir a bons filmes, ler obras de valor literário, escrever e, por que não, começar ou aperfeiçoar o aprendizado de novas línguas que, além de nos ocupar o tempo, ativa-nos o cérebro.

Poucos sabem que houve tempo em que me dispus a aprender húngaro, vejam só, e até mesmo cheguei a comprar um dicionário dessa estranha língua. A professora era minha própria esposa, que é filha de húngaros e fala bem esse difícil idioma dos hunos. Somente aprendi algumas palavras e frases, o que pelo menos em uma ocasião foi-me bastante útil. Aconteceu em encontro rotário, na aprazível São Lourenço, a bela estância do sul de Minas, no momento em que percebi que uma das intercambistas estrangeiras tinha nome húngaro. Aproximei-me dela e falei-lhe as duas únicas frases completas que até hoje sei de cor. Perguntei-lhe se falava “magyar” e, diante da resposta afirmativa, dada com luminoso brilho nos olhos e leve sorriso de surpresa nos lábios, acrescentei a outra, ou seja, pedi-lhe que aguardasse um pouco. Aí fui chamar minha esposa. O que aconteceu em seguida foi algo como inesperado show não programado pelos diretores do evento. As duas começaram a conversar em húngaro, de pé na entrada do amplo salão, e os presentes foram se juntando ao redor, sem entender patavina, porém surpresos com aquelas estranhas e incompreensíveis palavras trocadas animadamente por elas.

Desisti, no entanto, de aprender húngaro quando, sem que me desse conta, tentei ler, em lição escrita preparada por minha esposa, uma palavra de nosso próprio vernáculo qual fosse húngara. “Benzinho”, advertiu-me ela, “*essa palavra é portuguesa...*” Aí parei de vez. Mas, posso garantir a todos, consigo identificar com segurança esse idioma se me deparo com estranhos falando húngaro.

Quanto ao doce idioma de Rousseau, minha afinidade começou nos quatro anos de ginásio e de certa forma permaneceu adormecida até que recebi a visita de um casal de franceses, com sua graciosa filha, quando ainda morava e trabalhava em Bebedouro. Ao mostrar-lhes um livro que eu mesmo

encadernara, quis dizer que o trabalho fora feito por mim e então arrisquei um sonoro “encadernation”, palavra que inventei na hora, à semelhança dos correspondentes em nossa própria língua e em espanhol. Percebi de imediato que houvera dado um fora, pois olharam-me surpresos, sem entender nada. Fui salvo pelo velho dicionário de francês que ainda tinha em minha biblioteca, de forma que o episódio terminou entre risos e abraços.

Já aposentado, muitos lustros depois, voltei a contactar Bernard e Gabi, que localizei, pelo facebook, através da filha, Jéssica, então não mais a vivaz menina com quem tanto brinquei daquela primeira vez. As visitas que fizemos ao simpático casal na Europa e as diversas vezes em que estiveram aqui no Brasil, estimularam-nos, a mim e à minha esposa, a aperfeiçoar os estudos de francês, ampliando o vocabulário, aprofundando a gramática e, principalmente, procurando bem apreender, através de vídeos e da televisão, os fonemas característicos do idioma.

Estejam todos certos, contudo, de que não vou fazer como a Severina, aquela afamada benzedeira e divulgadora de chás para todos os males, que me informou estar à procura de professor de mandarim, pois pretende migrar para a China. “*Que você vai fazer por lá?*”, perguntei-lhe. “*Seu doutor, o mercado de chás curativos está muito aquecido na China, então é comigo mesmo*”. Pois é, percebi que Severina, como tanta gente, anda muito ligada nas redes sociais, acreditando em tudo que lê e ouve. Será isso mesmo, amigo leitor?

Darly Viganó
darly.vigano@gmail.com